**Educomunicação popular e agricultura familiar pelos campos de São Borja**

*Educommunication popular family farming and the countryside of São Borja*

SILVA, Merli Leal¹; ALVES, Gibran²; STROFF, Luiz Gabriel³

1 Prof. Adjunta da Universidade Federal do Pampa e Coordenadora do Projeto de Educação e Comunicação no campo merlileal@gmail.com; 2 Prof. Dr. da Universidade Federal do Pampa e Coordenador Agronômico do processo, gibranalves@unipampa.edu.br,3 Bolsista Profext Universidade Federal do Pampa, luizgstroff@gmail.com

**Resumo**

Este artigo busca descrever e refletir sobre uma proposta formativa na região fronteiriça de São Borja, a partir do projeto de extensão pedagogia freireana: a produção Agroecológica com agricultores familiares: certificação, comercialização e comunicação popular. Vamos descrever a etnografia construída a partir do trabalho para a produção de biofertilzante, visando à transição agroecológica em dois (2) assentamentos e uma (1)pequena propriedade familiar. O método freireano servirá para nortear todas as ações do projeto, considerando o dialogismo, emancipação e politização como pressupostos da intervenção entreos sujeitos do campo e o grupo de pesquisadores extensionistas.

**Palavras-chave**: Paulo Freire; Educação no campo.

**Abstract**:This article seeks to describe and reflect on a training proposal in the border region of San Borja from the extension project Freire's pedagogy: Agroecological production with farmers: certification, commercialization and popular communication. We will describe ethnography built from the work to produce biofertilzante, aiming to agroecological transition in two (2) settlements and one (1) small family owned. The method Freire serve to guide all actions of the project, considering the dialogism, emancipation and politicization as assumptions of the intervention among the subjects of the field and the research group extension.

**Keywords**: Paulo Freire; Education field.

**Introdução**

*“A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude critica, de reflexão, que comprometa a ação.”* Paulo Freire (1980, p. 40).

O ano de 2011 foi de experimentações pedagógicas na cidade de São Borja. O olhar focado antes no urbano, agora tinha comodesafioenxergar ointerior do RGS como campo fértil de estudo. Romper a fronteira e aproximar-se das sociabilidades de uma região com tanta riqueza cultural e mescladacom o pampa Argentinoé desafio constante para trocar saberes.Foi com espírito itinerantee militante,que começamos o projeto Pedagogia Freireana-Educação no Campo. Montamos uma equipe multidisciplinar, com colegas de várias áreas e cursos. Chamamos também a comunidade para ensinar neste projeto freireano. Nosso desafio foi construir conhecimento sobre educação popular para 46 docentes das escolas do campo da rede municipal de São Borja, usando a metodologia freireana. O processo formativo começou com a equipe interna: todos oriundos do campo da comunicação, e sem leitura prévia de Freire; contudo, detentores de práticas freireanas na raiz de suas vivencias docentes: 100% trabalhadores da educação no campo.Este projeto, coordenado pela autora, foi concluído em 2012 e mobilizou uma equipe de quatro docentes, 10 bolsistas Ministério da educação e Ciência (MEC) e vários convidados externos.

A base teórica que deu suporte ao projeto foi a realidade da educação no campo, captada a partir do estudo de autores pontuais e cuidadosamente escolhidos: Ribeiro, Vendramini, Movimento dos Sem Terra (MST), entre outros.A formação teve foco na consciência de classe deste trabalhador da educação no campo.Em nenhum momento foi nossa intenção ensinar os professores a dar aulas; na realidade, fomos para ouvir, interagir e estimular o debate sobre a realidadeda educaçãono campo. Ao final das 140 horas de formação, a (in)certeza de um questionamento sobre questões discutidas nas oficinas. Nosso tema gerador foi pensar a realidade estrutural da educação, e a partir da conscientização das necessidades, pensar um novo projeto de escola no campo, com vistas a manter os meninos e meninas na área rural.Neste trabalho, iremos refletir sobre o novo projeto da pedagogia freireana: educomunicação e agroecologia com agricultores familiares em São Borja. Na verdade, o Projeto Pedagogia Freireana estáse constituindo em umprograma de formação, com vários subprojetos integrando comunicação e educação popular em espaços formais e não formais de ensino. Nesse sentido, a nova sala de aula em 2013 é a propriedade do campo e sua produção e reprodução no contexto das aprendizagens do cotidiano e da sobrevivência. Porém, como vivenciar essa experiência e essa busca por uma sala de aula ao ar livre, com a participação dos produtores de alimento, em uma cidade onde o agronegócio impera?

**O contextoda pesquisa-ação**

A cidade de São Borja fica aproximadamente a 600 km da capital, Porto Alegre. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013), primitivamente, São Borja foi aldeia de indígenas do grupo Tape-Guarani. O povoado banhado pelo rio Uruguai foi fundado em 1682, ocasião do retorno jesuítico às Missões Orientais, sendo o mais antigo dos chamados Sete Povos das Missões. São Borja é uma cidade em que o território agrícola mantém a presença de latifúndios em grandequantidade, proporcionalmente muito mais elevada do que ado próprio estado de Porto Alegre. Tal situaçãose reflete diretamente na distribuição de renda e condições sociais da população do município. Praticamente não há produção de hortaliças e frutas na cidade, a agricultura familiar produz pouco e a maioria dos alimentos precisa vir de outras cidades. Não há produção agroecológica e as terras são ocupadas quase que exclusivamente por plantação de soja e criação extensiva de gado. O uso de herbicidas e agrotóxicos é predominante, o que é péssimo do ponto de vista ambiental. É neste contexto de coronelismo, latifúndio e poder político difuso, que a agricultura familiar busca sobreviver e as escolas do campo lutam para não fechar suas portas. O método utilizado nas ações de extensãoé apesquisa-ação, que buscarefletir sobre os fenômenos sociais na prática, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta. A pesquisa-ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática. Uma das características desse tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa, e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto. A forma do fazer freireano é no campo de batalha, mergulhando nas realidades e interagindo com elas. Neste sentido, o trabalho extensionista em educomunicaçao popular no campo integra o político e o pedagógico, uma vez que a educação popularé prática socialcompromissada com as classes oprimidas. A agricultura familiar, em regiões onde predomina a monocultura e o latifúndio,ocorre pelo desejo do pequeno produtor de se manter na terra com sua família. Sua sustentabilidade econômica vem da terra e do desejo em ver seus filhos e netos produzindo alimentos de forma sustentável. Os sistemas produtivos baseados nesse tipo de trabalho são um contraponto ao sistema que utiliza unidades produtivas de grande porte e empregamãodeobra assalariada ou volante. A agricultura familiarhoje é responsável por produzir os alimentos consumidos por indivíduos do campo e da cidade. Arealidade brasileira mostra que esse tipo de agricultura ficou por anos relegado a poucos investimentos e incentivos por parte do poder publico, mesmo produzindo aproximadamente 70% do que chega à mesa do povo. Para fomentar e fortalecer a agricultura familiar no Brasil é fundamental construir com as famílias agricultoras um processo permanente deeducação para a sustentabilidade e para a segurança alimentar, divulgando práticas inovadoras de interação entre conhecimento popular e produção acadêmica. Estes são alguns dos desafios deste projeto.

**Agricultura familiar e processo de educação popular**

Para aprofundar a reflexão em torno do tema da educação no campo com agricultura familiar, é fundamental definir quem são os atores sociais deste contexto. Segundo Neves (2012), a agricultura familiar diferencia-se da agricultura patronal e da agricultura campesina a partir de um viés organizativo da produção e das relações de trabalho. Neste sentido, é um arranjo produtivo onde os membros da família atuam em todos os processos e são beneficiados por políticas públicas do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) decreto número 1.946, (BRASIL, 1996). Segunda a autora citada, trata-se de uma agricultura de subsistência, voltada a suprir as necessidades da família, primeiramente. Outro fator diferenciador desse tipo de produção é que ele é economicamente camponês, isto é, o modo de produzir é orientado por objetivos construídos pela vida familiar e comunidade próxima, integrando-se à vida das cidades através das feiras e mercados. O contexto onde o produtor vende diretamente ao consumidor é uma característica importante na agricultura familiar do município de São Borja. Neves (2012, p. 33), a agricultura familiar “[ . . . ] corresponde às formas de organização da produção em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas.”. Essa condição imprime especificidades à forma de gestão do estabelecimento, porque referencia racionalidades sociais compatíveis com o atendimento de múltiplos objetivos socioeconômicos; interfere na criação de padrões de sociabilidade entre famílias de produtores; e constrange certos modos de inserção no mercado produtor e consumidor. A agricultura familiar no município de São Borja é arregimentada por famílias assentadas e alguns pequenos produtores com terra própria. Foram selecionadas três grupos de sujeitos do campo para o trabalho: dois assentamentos da área rural de São Borja e uma propriedade rural da agricultura familiar. A dinâmica formativa deu-se em círculos de debate cultura. O Projeto de Formação em empreendedorismo Agroecológico em Sistema de Economia Solidária visa à formação organizacional produtiva de trabalhadores e trabalhadoras do campo- agricultura familiar(assentados ou não) a partir da valorização de seu saber, cultura e identidade. Com o objetivo de capacitar indivíduos em atividades agroecológicas, visando a geração de renda e a inclusão social através de arranjos produtivos solidários, este projeto tem o comprometimento com comunidades cujos sujeitos têm características e problemas socioeconômicos comuns e vislumbram o trabalho como seu mecanismo para o desenvolvimento social. Partindo-se do diagnóstico situacional de comunidades localizadas na área de assentamentos de São Borja, dados coletados e disponibilizados pelaCooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda – COPTEC, busca-se a sensibilização dos indivíduos acerca do potencial de uso simbólico do seu entorno, agregando valor ao trabalho e aos produtos oriundos da produção orgânica. As atividades do projeto se subdividem em quatro etapas, cada uma subdividida em focos de formação de cinco eixos formativos: elaboração do perfil do grupo;desenvolvimento de material didático;desenvolvimento do curso objetivando capacitação de gestores e multiplicadores com enfoque em agroecologia, empreendedorismo solidário, marketing, comunicação popular e valorização dos aspectos culturais e identitários agregados ao espaço rural;orientação na estruturação das cooperativas e certificação orgânica para a produção.

O registro do projeto é composto por várias estratégias educomunicativas, a saber:*blog*; *fan page;*fotografia; vídeo-documentário de todas as etapas para produção do biofertilizante e aplicação na terra, semeadurae colheita das hortaliças.

Na etapa de colheita os agricultores debaterãocom a equipe conteúdos sobre comercialização de produtos agroecológicos: produto; preço; ponto de venda; promoção.Vamos descrever o contexto dos sujeitos do campo a partir de um mergulho em suas realidades nas lidas do cotidiano, em assentamentos e em pequenas propriedades.

**O cotidiano da vida produtiva no campo**

Nos últimos 20 anos, as regiões campesinas sofreram total abandono. Você viaja pelo interior e vê o vazio no espaço rural, nas casas e escolas. Os jovens buscam oportunidades na cidade em função da falta de perspectivade futuro profissional. Trabalhar na terra é trabalho pesado, e o dinheiro é curto. Os bancos emprestam e depois cobram juros abusivos. Para começar a reverter tal situação, é fundamental esforço coletivo de agentes sociais comprometidos com a mudança a partir da educação popular e da comunicação comunitária. Para tanto, a integração de vários campos do conhecimento no âmbito das instituições federais alocadas na região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul pode desvelar possibilidades de crescimento social, econômico e político.A agricultura familiar do município de São Borja, conforme é possível observar em visitas de campo já realizadas, observação indireta e também em reuniões com pequenos agricultores de outros projetos de extensão já realizados no campus local,carece de conhecimento sobre produção agroecológica e desenvolvimento sustentável. Mesmo o MST, que tem como uma de suas bandeiras esse tema, não mantém em São Borja nenhum assentamento 100% livre de venenos. Vemos o campo como um território com características fundamentais para fortalecer os laços de proximidade entre pessoas, grupos sociais e instituições que podem ser mobilizadas e convertidas em um trunfo crucial para o estabelecimento de iniciativas voltadas para o desenvolvimento sustentável local através da educação, da comunicação popular, da arte, da cultura local mediante o estímulode práticas cooperativas de economia solidária. Esta pesquisa pensa o desenvolvimento não como decorrência da ação verticalizada do poder público, mas como resultado da criação de condições para que agentes locais se mobilizem em torno de uma visão de futuro, de um diagnóstico de suas potencialidades, de seus constrangimentos e de meios para perseguir um projeto próprio de desenvolvimento sustentável. Buscamos uma visão integradora de espaços, atores sociais e institucionais, públicos e privados, que possibilite alcançar a geração de riquezas com equidade, o respeito à diversidade, a solidariedade, a justiça e a inclusão social pela geração de trabalho e renda em sistema de economia solidária. Os conceitos de empoderamento e de protagonismo social tornam-se essenciais para o fortalecimento das comunidades e sustentabilidade dos arranjos produtivos locais. O aporte formativo da AGROECOLOGIA entra como elemento diferenciador, encaminhando à formação de empreendimento autogestionários através da luta política e da valorização dos saberes locais. Este trabalho está centrado na valorização do ser humano, do agente social e da participação popular, exigindo a observância de valores comoautonomia, democracia, dignidade humana,solidariedade,equidade e o respeito ao meio ambiente. Para caracterizar o sujeito do campo neste trabalho, utilizamos da etnografia como base metodológica, uma vez que dialoga igualmente com o métodofreireano. Uma das características principais dos estudos etnográficos tem a ver com a presença prolongada do investigador nos contextos em estudo, ea interação com as pessoas, as situações e os acontecimentos. Trata-se de um método de investigação cujo principal instrumento é o próprio investigador e sua equipe. Como tal, torna-se crucial a sua entrada, aceitação e participação nos contextos, nos processos e nas vidas quotidianas dos sujeitos-atores e parceiros da experiência. Como entendemos não ser possível estudar a realidade social como uma unidade, este estudoestá constituído apartir da divisão em dois gruposde investigação, definidos com base em perspectivas teóricas que funcionaram comolentes para observar, descrever e interpretar as dinâmicas locais, e também com base no conhecimento previamente adquirido, fruto de vivenciais, momentos e situações de imersão no terreno, ora com um carácter mais informal – visitas, conversações, idas ao ponto de venda, feiras, leituras de documentos, etc. –, ora mais estruturado e intencional, produzindo o biofertilzante com a equipe. O principal critério que norteou aopção por estes dois focos de investigação foi a possibilidade de observar e analisar dinâmicas produtivas locais, de forma aconstruir uma transição para a agroecologia.Pretendíamos, assim, identificar e compreender especificidades, interfaces e tensões; assimilar diferentes sociabilidades que se constroem em umprocesso de ruptura com um paradigma conhecido: a produção agrícola com insumos químicos. O primeiro foco de investigação-ação nos levou a entender o processo produtivo em propriedades de agricultura familiar, gerenciada por famílias. O segundo foi a busca por presenciar a aplicação do processo em dois assentamentos do MST em São Borja. Tal estudo etnográfico é apresentado a título de exemplo, podendo ser útil para quem pretende realizar investigações sociais e educacionais, já que apresenta as opções e os procedimentos metodológicos utilizados para coletar, analisar e interpretar os dados, assim como uma reflexão sobre as potencialidades da investigação etnográfica no campo da educação popular.

A etnografia, comoformar de mergulho coletivo em uma realidade, tem algumas características singulares: preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura entendida; introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar; acima de tudo, propor constante diálogo entre os sujeitos envolvidos.

Para Geertz (1989), praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos ou manter um diário,“[ . . . ] o que define [a etnografia] é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’ [ . . . ] (GEERTZ, 1989, p. 15). A descrição densa dessa investigação passa pela definição do território onde ela acontece, o território camponês. Segundo o dicionário de educação e do campo, organizado por Caldart(2012), território camponêsé o espaço de vida camponês, lugar onde uma diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. É nele que se constituem as relações de produçãona unidade familiare também o lugar de moradia dos membros. Esse território tem como proposta produtiva a agropecuária e a produção de alimentos para as comunidades urbanas. Em sua quase totalidade, a produção camponesa está subordinada ao mercado capitalista em todas os nuances de sua penetração social. A família Comin é composta por quatro membros e todos compartilham o território camponês. A mãe e o pai produzem hortaliças na propriedade de cinco hectares, produção que é vendida em feiras e através do programa de alimentação escolar para as escolas da cidade. A terra foi comprada com a indenização de trabalho assalariado em uma granja próxima à cidade, onde o casal trabalhou por 8 anos. A mulher é liderança nata, gestora, organizada e muito ativa. Tem em torno de 50 anos e dedica-se integralmente à lida do campo e ao cuidado do marido e dos filhos. O marido, que tem aproximadamente a mesma idade, ajuda na produção e na venda da produção na feira, duas vezes por semana. Nunca produziram biofertilzantes na propriedade. O experimento foi produzir mil litros de biofertilzante e usar exclusivamente o manejo agroecológico com a produção piloto. Nesta fase do projeto, as rodas de conversa são espaço de discussão das demandas: o papel da produção, o endividamento, as dificuldades de assistência técnica. Os filhos são adultos, cerca de 20 anos e 25 anos. O mais velho trabalha com soja na lavoura e não se integra às discussões sobre a transição da propriedade. O filho mais novo lida com criação de vacas e produz leite na propriedade. Vende queijo, leite e derivados. O segundo grupo integrado ao projeto são três assentamentos do MST: Cambuchim, São Marcos e Caçacan. O que os une é a característica de assentados, mas as relações de produção em cada território assentado é muito particular.

Segundo Caldart (2012), o assentamento como unidade produtiva possui especificidadesem relação à produção, consumo, trabalho, moradia, lazer, vida, sociabilidade e cotidianos relacionais. Ainda, segundo a autora, os assentamentos assumem várias configurações:coletivos; individuais; agrícolas; pluriativos; habitações em lotes; frutos de programas governamentais, com poucas/muitas famílias ou organizados politicamente por cooperativas e movimentos sociais.

O traço comum é a precariedade e carência de infraestrutura básica, característica que se repete na maioria dos projetos de assentamento, penalizando as famílias, submetendo-as a condições de vida bastante degradantes. Cada um dos assentamentos iniciantes no projeto de transição é totalmente diferente dos demais, em forma e em conteúdo produtivo. Avida camponesana região de SBORJAse opõe a forma de produção do latifúndio e agronegócio predominante como matriz econômica da região. As terras da Reforma Agrária, mesmo sem o uso de defensivos agrícolas pesados, levarão anos para ficarem “limpas”; o uso de aviões que fazem chover veneno do céu potencializa acontaminação cruzada. Outro fator importante, observado pela equipe investigadora, é o fato dos assentados não serem vistos pelos agricultores familiares como parceiros produtivos. Para os pequenos proprietários, eles ainda são simplesmente “os sem terra”, fato que afasta os grupos produtivos e cria um antagonismo predatório. A formação de cooperativas e do sistema de economia solidária, com este cenário hostil, tem sido um desafio ainda distante de ser cumprido. A abordagem com os assentamentos foi feita através da parceria da COPETC (Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda.) uma vez que os assentados tendem a ser reservados diante de pessoas que não conhecem, especialmente por temerem o uso político dessas aproximações. Os dados preliminares sobre a realidade dos assentamentos foram coletados via pesquisa secundária nos relatórios de Plano de Reestruturação de Assentamentos(P.R.A), da COPETC.Na área campesina,a festa, o jogo, a religião, o esporte, a forma de resolver problemas, a produção cultural, a troca de experiências entre membros da comunidade e as relações sociais são permeadas pela confiança e cooperação entre seus membros. A presença da figura feminina na produção e reprodução da vida é fator integrador entre as mulheres campesinas. Segundo Caldart (2012), a práxis do movimento de mulheres camponesas, embora sujeita às contradições, revela-se portadora de uma dinâmica educativa e de uma mística libertadora/emancipatória, ambas imbricadas no eixo gênero, classe, projeto de agricultura camponesa e projeto popular, que se constitui na própria identidade do movimento. São características marcantes das trabalhadoras do campo o cuidado com as várias formas de vida, o acolhimento e a preservação de vínculos afetivos; na escuta sensível, no respeito e no diálogo conscientizado como base de novas relações entre os povos.

**Agricultura familiar e multifuncionalidade: além do capital**

Pensar além do capital, na perspectiva de Mészáros (2002), é fazer os indivíduos viverem positivamente à altura dos desafios das condições sociais, historicamente em transformação. O capital embebe a todos dos valores da sociedade de mercadorias, como algo natural e lógico. Analisar a produção de alimentos pelo pequeno produtor e assentado é buscar entender uma lógica produtiva menos contaminada pela sociedade de consumo pós-moderna. Pensar educação e o trabalho no campo é buscar outras relações de produção.

O trabalho, que deveria ser uma propriedade *interna*, ativa, do homem, emconsequência da alienação capitalista se torna exterior ao trabalhador (‘o trabalho é exterior ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser essencial;[...] O trabalhador, portanto, só se sente ele mesmo fora de seu trabalho, eem seu trabalho sente-se fora de si mesmo’). (...) A alienação transforma aatividade espontânea no “trabalho forçado”, uma atividade que é um simplesmeio de obter fins essencialmente animais (comer, beber, procriar), e comisso ‘o que é animal se torna humano e o que é humano se torna animal’.(MÉSZÁROS, 1981, p. 141).

A agricultura familiar no município de São Borja está centrada em famílias assentadas pela reforma agrária na região, e também em famílias que compraram suas terras após anos trabalhando como empregados na área rural, em granjas e fazendas no entorno fronteiriço. A consciência de classe dos agricultores familiares na região é fragilizada pelas relações anteriores com os patrões do agronegócio. Um casal de agricultores familiares está com dificuldade para conseguir aposentadoria em função do antigo patrão não ter honrado os custos trabalhistas, com o agravante de não haver registros de uma década de trabalho de ambos. Carneiro e Maluf (2003), falam na multifuncionalidade da agricultura) familiar como um novo olhar, pois amplia a forma de ver o processo de produção além da questão econômica. Nesse sentido, se procura considerar os modos de vida das famílias do campo em sua integridade, incorporando a análise à provisão de bens públicos por parte dos agricultores relacionados ao meio ambiente, com a segurança alimentar e com o patrimônio cultural. Nesses termos, a noção de multifuncionalidade pode ser importante no contexto da realidade brasileira, na medida em que pode ser considerada como um instrumento de análise de processos sociais agrários, permitindo enxergar dinâmicas e fatos sociais ocultados por visões meramente econômicas. O que se pretende, em uma perspectiva multifuncional, é inserir dados da realidade pouco considerados nas pesquisas, legitimando formas de produção e fontes de renda fora dos quadros analíticos em voga. Constata-se que, ao possuir atividade agrícola, as famílias combinam outras atividades não necessariamente agrícolas (transformação e venda direta da produção em circuitos curtos de comercialização, agroturismo, etc.). Nosso olhar neste projeto será dirigido às principais dimensões abrangidas pelo enfoque multifuncional da agricultura, acrescidas da dimensão educativo-formativa. Conforme a abordagem de Carneiro e Maluf (2003), nosso campo de observação, durante a ação extensionista, será ampliado pelas múltiplas funções exercidas nas relações sociais do campo. Os autores enumeram 4dimensões de análise. Achamos por bem acrescentar uma quinta, considerando a relação dos campesinos com a escola e a formação do campo: dinâmica da reprodução das famílias e comunidades do campo: neste quesito nosso foco de observação são as fontes geradoras de ocupação e de renda para os membros das famílias campesinas, as condições de permanência no campo, as práticas de sociabilidade, as condições de instalação dos jovens e as questões de sucessão na unidade produtiva; características técnico-produtivas e sustentabilidade da atividade agrícola: cabe aqui analisar a produção para o autoconsumo familiar e a produção mercantil de alimentos, além dos canais de distribuição e comercialização; questões de identidade, integração social e legitimidade das famílias no campo: o foco de análise é a preservação e melhora das condições de vida da comunidade do campo, levando em conta os processos de elaboração e legitimação de identidade cultural e de promoção de integração social;relações com o território e natureza: esta dimensão buscará avaliar como são utilizados os recursos naturais, as relações entre atividade econômica e paisagem, a preservação da biodiversidade e o não-uso de venenos na produção; relação das famílias com as dinâmicas formativas das escolas do campo: esta dimensão analisará as relações da comunidade do campo com o sistema formal e não-formal de educação. Que tipo de escola há no campo, e como esta escola forma; como a comunidade rural constrói seu conhecimento e o preserva, qual a formação que faz diferença e quais os entraves para a formação na escola ou fora dela.

O intuito desta abordagem é analisar o sistema campesino como um todo, um organismo único e complexo, e não apenas a partir de seu caráter produtivo. O que será analisado, mais profundamente, será a família do campo, como uma unidade social. No estudo de caso em andamento neste projeto, mostraremos uma família de agricultores familiares com terra própria, e 25 famílias de produtores familiares assentados. É importante considerar o que têm em comum, além das diferenças sócio-históricas e políticas, que lhes conferem sentido e identidade. A contextualização de cada territórioocupado para produção é definida por políticas públicas diferenciadas de acesso à terra. O sentido do trabalho no campo tem diferentes significados, dependendo da forma como a unidade familiar se enxerga na atividade que realiza.Intervir na realidade dos sujeitos do campo é algo delicado e que necessita de uma postura ética e participativa. Considerando que os saberes são relativos, e que todos ensinam e aprendem, descreveremos um pouco do método de intervenção utilizado com os sujeitos do campo, o cotidiano das relações,postura e atitudes diante do mundo e do outro, que em geral é diferente de mim. Não é a teoria ou os conceitos abstratos que educam, mas a prática concreta que, sendo pensada à luz da teoria, transforma a realidade.Paulo Freire (1980) constrói a pedagogia da pergunta– uma práxis transformadora das estruturas e das pessoas. Ele mesmo afirmava não ser o criador de um "método de alfabetização ou de conscientização", mas de um conjunto de princípios, de valores pedagógicos "encharcados" de realidade, politizados, comprometidos, rompendo fronteiras e preconceitos. Não é possível estudar Paulo Freire sem olhar para nossa própria prática. E isso é dolorido, porque nos leva a descobrir o opressor que hospedamos dentro de nós mesmos. O quanto usamos nosso conhecimento para construir um outro conhecimento com a comunidade, trocando e absorvendo a sabedoria da cultura popular. A pedagogia freireana é uma pedagogia radical, que propõe subverter a ordem social vigente em todos os seus níveis: pessoal, micro e macroestrutural. Não é uma didática, ou uma tática política, mas um conjunto de técnicas ou pequenas ações, como, por exemplo: o jeito de dispor o espaço para o debate; a discussão em círculos;a maneira de coordenar uma reunião; a distribuição coletiva de tarefas; o estudo em pequenos grupos, todos preceitos que fazem parte do exercício democrático, do combate ao autoritarismo e, portanto, da desconcentração do poder.

São todas essas pequenas ações que, gradativamente, restituem a palavra àquelas pessoas que, historicamente, aprenderam apenas a ouvir e obedecer, resignadamente. Fundamentos que ajudam a construir autonomia com responsabilidade.Desafiam a superar limites pessoais. Neste sentido, embora tenha sido pensada a partir da realidade brasileira e latino-americana, a pedagogia freireana servirá em qualquer lugar do mundo onde existam oprimidos e opressores. Para Paulo Freire (1980), sua "teoria da ação dialógica" pressupõe dois momentos fundamentais: o reconhecimento da desumanização e o engajamento em um processo de humanização. Ou, dito de outra forma, pressupõe o momento da denúncia e o momento do anúncio. Ambos construídos dialogicamente, num processo de problematização que relaciona os fenômenos entre si, com suas causas e efeitos; o simples e o complexo; o local e o global. Ao relacionarmos os fazeres do campo com o contexto político e social da agricultura familiar, veremos que são estes trabalhadores e trabalhadoras que dão forma ao pão, ao queijo, aos sonhos da pequena propriedade. Ainda assim, não há real valorização da importância desse grupo, uma vez que a região rural de São Borja é formada predominantemente por latifúndios e monocultura, e pelo poder do agronegócio. A opção por outra forma de produção está ausente nas conversas e nas práticas. No trabalho de formação com o grupoutilizamosuma sériede Oficinasorientadas por temas geradores. Na concepção freireana, temas geradores são temas que motivam as pessoas, porque falam de suas realidades, mostram as dificuldades e as possibilidades de mudança do que está posto, e potencializando a vontade amorosa de mudar o mundo. O conceito de Oficina faz referência a um lugar de trabalho coletivo, e a uma experiência de atividade realizada num encontro de pessoas, no qual se procurará construir uma vivência coletiva e um saber partilhado. Sem respostas prontas, mas com muitos questionamentos sobre quem somos e como fazemos o mundo com nosso trabalho e ação política. Este “círculo de cultura” problematizará questões em plenárias e grupos, de forma acolhedora e documentada em vídeos, fotos, desenhos e depoimentos. Na esteira do “grupo operativo” e do “círculo de cultura”, a Oficina pretende realizar um trabalho de elaboração sobre a inter-relação entre cultura e subjetividade, suas representações, ideologias, atitudes e comportamentos a partir do seu trabalho na agricultura familiar. A busca pela produção sustentável com este grupo é intensamente debatida. Por qual motivo não há ainda unidades produtivas orgânicas certificadas na região? A grande questão nessa fase do projeto é agregar valor aos produtos, uma vez que o manejo e a forma de usar insumos estão mudando. Aos campesinos, aumentar a renda e a qualidade de vida das famílias é fundamental, mas o sistema produtivo tradicional os escraviza e submete a um atravessador. A proposta desta investigação é, até 2014, conseguir certificar osprodutos dos grupos de forma solidária, inserir técnicas de comercializaçãodiferenciadas para produtos orgânicos e estabelecer com aárea urbana uma parceria para consumo consciente e segurança alimentar.

**Agroecologiae educação popular no campo**

A agroecologia não entrou neste projeto por acaso. Ela é uma crença de toda a equipee serve de suporte para todas as decisões formativas no campo. Cremos que há necessidade de coerência em todas as fases de uma proposta baseada em Paulo Freire e na educação popular. Segundo Paludo (2001),a educação popular continua viva, atual e necessária. Sua atualidade tem a ver com a crise social que penaliza, principalmente, a classe popular; e pela necessidade história de um novo projeto de sociedade. O capital, da forma como se instituiu, gera exploração e opressão. A autora defende ainda que o que se busca é a efetivação do direito de uma vida digna, e compreende que o atual direcionamento do projeto de modernidade precisa ser transformado. Nesse sentido, o sistema agroecológiconos parece o que mais coaduna com o projeto de sociedade, preconizado pela educação popular. Algumas características citadas por Caldart(2012), no verbete agroecologia, são bastante definitivas como opção produtiva e ideológica, a saber:

[ . . . ] é um conjunto de conhecimentos sistematizados, baseados em técnicas e saberes tradicionais (dos povos originários camponeses) que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às praticas agrícolas, queem função do capital e da tecnologia foram negligenciadas como opção na produção limpa de alimentos. (CALDART, 2012, p. 57).

Cabe citar Caldart (2012, p.61):

[ . . . ] muito embora não exista produção ‘fora da natureza’, o modelo da revolução verde e do agronegócio desenvolve-se com base em tecnologias ‘contra a natureza’, que bloqueiam ou impedem processos naturais que são a base do manejo agroecológiconos agroecossistemas- como é o caso do uso de herbicidas, que bloqueiamou mesmo fazem regredir a sucessão ecológica em determinado ambiente.

No bojo dessa visão produtiva,há uma visão de mundo e de sociedade, considerando o agronegócio como antagonistadessa visão. A produção coletiva e as ações sociais, derivadas de outro modo de produzir alimentos, permitem aos camponeses uma vidasem exploração e cercada de solidariedade. Semo sistema de opressão do capital, as relações de produção se tornam fluidas e baseadas no bem comum. Os camponeses e sua forma de vida, com ciclos evolutivos naturais, respeito ao meio ambiente e ao outro, com a filosofia e a ética do cuidado, são a base do sistema cooperativo de produção agroecológica. Os movimentos sociais do campo, em particular a via campesina e os movimentos dos trabalhadores sem terra, lutam por um espaço para a produção agroecologia como alternativa ao agronegócio, destruição dos recursos naturais e exploração do povo do campo. Em sistema autogestionário e utilizando saberes tradicionais integrados aos tecnológicos, o camponês produz com segurança e deixa como legado uma terra mais saudável para o futuro próximo.

**Considerações provisórias fundamentais**

A vida no campo é difícil. Todas as contradições do sistema capitalista estão personificadas nas relações de exploração e opressão às quais os sujeitos do campo estão submetidos. O sistema social faz o mínimo, hádesconhecimento das lutas no campo pela sociedade, gerandodiscriminação. O sistema escolar não reconhece a especificidade de formação para o campo e cria uma escola “urbana” para os camponeses. As práticas de produção sustentável são vistas como não-rentáveis e atrasadas, o mercado de defensivos e herbicidas químicos gera doenças para quem as utiliza. São fortes os entraves para uma produção limpa, sustentável e solidária. Ainda assim, o território campesino é repleto da riqueza humana, fartura alimentar, simplicidade e solidariedade. Os povos do campo se descobrem sujeitos políticos por intermédio de grupos como o MST e a Pastoral da Terra, e graças ao engajamento de educadores e educadoras que fizeram do campo seu espaço de sociabilidades e troca de saberes. Este projeto está buscando a intensa aproximação da universidade com a produção de conhecimento do campo. Entender a cultura dos assentados e das pequenas propriedades é uma forma de aprendermos outros conteúdos para a criação de uma nova ordem social. Estamos, neste momento, no meio do caminho. Porém, cremos que o maior passo foi ter conseguido entrar, sem preconceitos e com os olhos abertos e cheios de gratidão, por esta forma de produção da vida. A agroecologia é pano de fundo para a criação de um modo de relação social mais solidária e comprometida com a preservação do meio ambiente. Criar uma rede de produção orgânica a partir da troca de saberes, por meio da comunicação, educação e das ciências da terra, é um desafio que se impõe a partir do comprometimento político da equipe multidisciplinar e cooperativa.

**Referências bibliográficas:**

BRASIL. Decreto nº 1.946, de 28 de junho de 1996.**Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 01 jul. 1996.

CALDART, Roseli Salete (Org.) **Dicionário de educação no campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CARNEIRO, Maria Josá; MALUF, Renato (Orgs.) **Para além da produção**: multifuncionalidade e agricultura familiar. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados básicos.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=431800>. Acesso em: 25 jul. 2013.

NEVES, Delma Pessanha. Agricultura familiar. In: CALDART, Roseli Salete*et al.*(Orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p.32-38.

MÉSZÁROS, I. **Marx:** a teoria da alienação. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas**: uma leitura desde o campo democrático popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.